

PEDRO PEREIRA LEITE



**Representações dos lugares de memória:
Estudos de Geocultura do Mar no litoral
português**

Informal Museology Studies nº 4

Winter 2013



Ficha Técnica:
Informal Museology Studies
Papers on Qualitative Research
Issue 4 - Winter 2013
Directory

Pedro Pereira Leite

ISSN – 2182-8962

Editor: Pedro Pereira Leite

Publisher: Marca d' Água: Publicações e Projetos

Redaction: Casa Muss-amb-ike

Ilha de Moçambique,

3098 Moçambique

Lisbon: Passeio dos Fenícios, Lt. 4.33.01.B 5º Esq.

1990-302 Lisbon –Portugal

Conteúdo

Apresentação	4
A Poética da Viagem	5
A escolha dos lugares	7
Leitura das representações do mar nos lugares de memória	11
Dimensão de Análise do Espaço	11
Dimensão de análise dos lugares de memória	12
Análise dos Resultados	13
Unidades de Análise em diário fotográfico	21

Apresentação

Este pequeno texto, apresenta os resultados das análises aos lugares de memória¹ no âmbito da nossa expedição pela costa portuguesa. Foi um trabalho elaborado no verão de 2012 no âmbito do curso de Auditores de Defesa Nacional, que deu origem ao nosso livro *Heranças do Mar Salgado*, geocultura do mar, que se encontra em fase de edição final (Lisboa, Marca D' Água- Publicações e Projetos).

Temos vindo a usar a metodologia da viagem em diversos trabalhos sobre museologia. Neste nosso trabalho de investigação, que procuramos trabalhar a questão da geocultura do mar, usámo-lo mais uma vez para recolher o material primário de investigação.

Foi essa metodologia que nos permitiu detetar a discrepância entre os discursos sobre as fundamentações da estratégia do e para o mar com os discursos e narrativas sobre a cultura do mar. Com então concluirmos, o assumir dum novo paradigma de especialização económica de Portugal, recentrando na economia do mar, não se pode verificar sem que a cultura do mar, os territórios de mar e os habitantes que usam o mar, sejam mobilizado e motivados para participar nesse movimento. Este trabalho permitiu-nos concluir que os saberes das comunidades não estão a ser mobilizados.

¹ Lugar de memória é um conceito histórico utilizado pelo historiador francês Pierre Nora em *Les Lieux de Mémoire* (1984). Preocupado com a volatilidade dos tempos e da sua erosão nos elementos do que se considerava a identidade francesa, procedeu a um diagnóstico exaustivo dos elementos materiais e simbólicos, incluindo os monumentos, as construções relevantes, as festas os museus, arquivos e bibliotecas.

A Poética da Viagem

A abordagem da poética da viagem permite-nos relevar os significados das experiências e das práticas. Num mundo de excessos a poética procura o essencial, o que está em mudança. Nos lugares e nas comunidades ligadas ao mar, não acontece as mudanças que as narrativas das elites enunciam.

É certo que este nosso trabalho está longe de ser exaustivo. O tempo disponível e o contexto não o permitiram. Trata-se sobretudo dum exercício, que fica a aguardar por melhores oportunidades. No entanto, através da experiência da viagem foi-nos possível constatar grandes tendências de representação do mar, da cultura do mar, das vivências das comunidades ligadas ao mar.

Na experiência da viagem descobrimos mais o que somos e o modo como lemos o mundo. A forma como narramos a experiência de viagem é uma experiência de intersubjetividade. Nela encontramos o nosso reflexo na experiência do mundo. Uma experiência onde a partir do lugar construímos essências. A construção das essências é uma arte poética. Por isso temos vindo a nomear a esta metodologia a *Poética da Viagem*, pois ela, para além de procurar essências é também um modo de diálogo e partilha do investigador com as comunidades e territórios que investiga.

A viagem como partilha de conhecimentos e saberes sobre os espaços e os tempos implica construção de sociabilidades. Permite a construção de visões do eu e do outro e a partilha de emoções. A produção de diferenças produz complementaridades. A experiência da viagem produz uma embriaguez, um desregramento dos sentidos que permite fixar vertigens. Essa vertigem pode ser cristalizada pela remomeração. As lembranças das experiências da sensação é um ato prévio de mimeis. A imaginação poética.

O procedimento metodológico para domesticar esta memória de fragmentos, implica o registo dos momentos singulares. A fixação de emoções parte das evocações das singularidades. Evitar os excessos e captar a essência implica retomar um estado de inocência primordial e olhar para a fratura. Esperar pelo emergir da emoção. Criar uma inocência eficaz implica olhar para o presente como essência e olhar para a diversidade como uma riqueza. Olhar para a paisagem como um lugar com atores em processo. Procurar entender os ritmos do mundo é sentir o tempo na sua diversidade.

A viagem permite-nos hoje aproveitar os recursos da modernidade como experiência do espaço e do tempo. Toda a viagem é iniciática permite-nos descobrir a poética do eu. O mundo visto pelo eu atribuiu textura, densidade e cor. A viagem como deslocamento acaba por ser a aproximação ao eu. O eu que se liberta com a experiência e recria expressões de si. Uma viagem é uma emergência de si. Criam-se fragmentos do eu.

Depois da viagem criam-se os reencontros. A viagem é um movimento de partida e de chegada. É uma fuga ao espaço de rotina. A rotina é viver na segurança do núcleo existencial. Estar no espaço de conforto. A viagem desloca o eu para o imprevisto, para a insegurança do acaso. E essa estranheza que permite o reconhecimento. O regresso ao ponto de referência é um reencontro com a rotina. O reencontro permite pensar sobre as experiências viagem, sobre si na forma como se é e como se está.

Há que então reconstruir a história da viagem. Cristalizar o processo. A arquitetura implica a construção dos ângulos retos. Esquina e volumes como espaço de passagem da informação. A memória como exercício é relativo à lembrança. Implica ordenar os vestígios e criar uma narração com sentido. Recuperar os trajetos por diferentes ângulos da abordagem permite procurar diferentes formas de essências.

A narrativa da viagem é um processo de evidenciar o mundo. A partir da sua matriz reorganiza-se. Se o diário é a narração cronológica da experiência, a poética permita polarizar interesses constituintes. Explorar outros territórios da experiência em busca de outras formas poéticas é também um exercício de reunir fragmentos da memória.

A escolha dos lugares

A escolha dos lugares foi previamente planeada através da identificação de lugares através de listagens publicadas nos sítios da Estrutura de Missão para os Assuntos do Mar², recursos turísticos e trabalhos académicos³. O universo identificado é bastante vasto e impunham desde logo algumas restrições à visita da totalidade, sobretudo os espaços situados nas regiões autónomas.⁴ Por outro lado o tempo disponível para a execução da viagem, o tempo das férias, e o seu custo também constitui uma limitação temporal e física já que nos obrigou a contenção de orçamentos com estadas. O ajustamento dos locais a visitar foi efetuado *in situ*, isto é a partir das observações e das informações obtidas localmente determinou a forma final das visitas. Não temos um universo exaustivo, mas um universo possível.

Iniciando o percurso pelo Rio Guadiana, percorrendo a costa algarvia de sota-vento para barlavento até Sagres, subindo para norte até ao rio Minho visitamos as seguintes instituições de memória:

Algarve

1. Campo Arqueológico de Mértola/ Parque Natural do Vale do Guadiana
2. Museu do Rio, em Guerreiros do Rio, Alcoutim

² www.emam.com.pt, consultado em 15 de maio 2012,

³ Entre os quais salientamos o trabalho de Sancho Querol (2010), à qual agradecemos a informação disponibilizada

⁴ Socorremo-nos para o efeito dos trabalhos profissionais realizados em 1999 na Região da Madeira (Leite, 2000) e das visitas privadas que efetuamos aos Açores

3. Sapal de Castro Marim
4. Parque Natural da Ria Formosa,
5. Centro Ciência Viva Tavira.
6. Arraial Ferreira Neto, Tavira
7. Museu Municipal de Tavira.
8. Museu Municipal de Olhão.
9. Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão, Faro
10. Museu Regional do Algarve,
11. Museu de Arqueologia de Albufeira
12. Museu e Biblioteca da Junta de Freguesia de Estombar, Lagoa.
13. Museu do Trabalho Municipal de Portimão.
14. Museu da Santa Casa da Misericórdia de Alvor, Portimão.
15. Museu da Escravatura Lagos
16. Museu Municipal de Lagos, Museu Dr. José Formosinho,
17. Centro Ciência Viva de Lagos
18. Núcleo Museológico da Fortaleza de Sagres
19. Museu do Mar e da Terra, Aljezur
20. Parque Natural do sudoeste Alentejano e Costa Vicentina

Alentejo

1. Museu de Arqueologia e Etnografia de Sines.
2. Lagoa de Santo André e Sancha
3. Reserva Natural do Estuário do Sado

Estremadura

1. Museu do Trabalho Setúbal Michel Giacometti
2. Museu do Mar, Museu Municipal Sesimbra.
3. Museu Oceanográfico Prof. Luiz Saldanha, Portinho da Arrábida, Setúbal.
4. Parque Natural Serra da Arrábida
5. Arriba fóssil da Costa da Caparica
6. Núcleo Naval, Museu da Cidade, Almada.
7. Ecomuseu do Seixal
8. Museu Municipal, Montijo
9. Núcleo museológico da Sociedade Cooperativa União Piscatória Aldegalense
10. Museu Municipal, Alcochete.
11. Fluvial de Mora, Mora, Parque Ecológico do Gameiro
12. Cais do Arrepiado, Cartaxo
13. Museu do Rio de Constância

14. Museu Municipal de Vila Franca de Xira
15. Museu de Alhandra Casa Dr. Sousa Martins.
16. Oceanário de Lisboa
17. Pavilhão do Conhecimento, Lisboa
18. Museu de Marinha Lisboa
19. Museu Nacional de Etnologia, Lisboa.
20. Museu da Cidade, Lisboa.
21. Museu de Arte Popular, Lisboa
22. Aquário Vasco da Gama Lisboa
23. Museu do Mar - Rei D. Carlos, Cascais.
24. Parque Natural Sintra Cascais
25. Museu-Arquivo da Santa Casa de Misericórdia da Ericeira
26. Museu Municipal de Peniche
27. Reserva Natural das Berlengas
28. Casa Museu do Pescador da Nazaré,
29. Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso, Nazaré.

Beira

1. Ecomuseu do Sal, Lavos, Figueira da Foz.
2. Núcleo Museológico do Mar, Buarcos, Figueira da Foz.
3. Núcleo do Museu de Marinha, Portugal dos Pequeninos, Sta. Clara, Coimbra.
4. Núcleo museológico da Vagueira
5. Museu Etnográfico da Praia de Mira, Mira.
6. Museu Marítimo de Ílhavo.
7. Museu Municipal de Aveiro
8. Núcleo Museológico do Requeixo, Sant'ana do Requeixo, Aveiro.
9. Museu Etnográfico da Murtosa.
10. Museu de Ovar
11. Reserva Natural das Dunas de São Jacinto

Entre Douro e Minho

1. Estação Litoral da Aguda "ELA", Vila Nova de Gaia
2. Nucelo Museológico da Angeiras, Espinho
3. Museu da Construção Naval, Vila do Conde.
4. Museu Municipal de Etnografia e História, Póvoa de Varzim.
5. Núcleo Museológico de Esposende, Esposende
6. Parque Natural do Litoral Norte
7. Museu Municipal de Viana de Castelo.

8. Museu Navio-Hospital Gil Eanes,
9. Museu da Freguesia de Carreço.
10. Museu Municipal de Vila Praia de Âncora.
11. Museu Municipal de Caminha

A estes deveremos ainda acrescentar na Região Autónoma da Madeira os seguintes museus: Museu da Baleia, Caniçal, Museu de História Natural, no Funchal, o Centro de Ciência Viva de Porto Moniz, Museu Etnográfico da Ribeira Brava, e a Casa Colombo em Porto Santo, não considerando as reservas e parques naturais onde naturalmente sobressai a importância das Ilhas Desertas e Selvagens, santuários da vida natural.

Na Região autónoma dos açores conhecemos, na Ilha do Pico, de tradição baleeira, o Museu dos Baleeiros em São Roque do Pico, e o Museu da Baleia nas Lajes do Pico, no Faial, a Casa Peter Scrimshaw, Faial e o Centro de Interpretação dos Capelinhos. Na Ilha de São Miguel encontramos o Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, o Museu Municipal de Vila Franca do Campo, e Museu de Santa Cruz da Graciosa, São Miguel, Açores.

Note-se que existem ainda um conjunto de equipamentos dedicados a atividades fluviais e pesca fluvial em vários locais do interior que aqui não consideramos, com exceção do vale do Tejo. Uma pequena análise sobre a distribuição regional dos equipamentos mostra que a Estremadura é a região que mais equipamentos apresenta com cerca 37 % do total (considerando aqui a profunda influencia estuarina), seguido do Algarve com 25 % dos lugares, a quês se segue Entre Douro e Minho com 19 %, a Beira com 14/ e finalmente o Alentejo com apenas 4 %. Note-se ainda que neste rácio contabilizamos os Espaços de proteção ambiental, já que na maioria dos casos dispões de espaços de memória

Leitura das representações do mar nos lugares de memória

Neste trabalho usamos diversas dimensões de análise, nomeadamente a análise da poética do espaço e a poética das representações dos lugares de memória.

Dimensão de Análise do Espaço

Na abordagem do espaço usamos como metodologia a análise da *dimensão poética*, uma ferramenta que temos utilizado no urbanismo. Ele resulta de algumas abordagens vinda de diferentes campos, como a antropologia do espaço, da sociologia urbana, da história urbana, da psicologia social e tem como base uma análise de conteúdo onde a orientação no espaço é entendida como um processo cognitivo onde os seus pontos referenciais são integrados em mapas cognitivos, conforme se apresenta no capítulo 3. A metodologia procura entender o “*espírito do lugar*”, a sua dimensão utópica (de para além do sítio) a partir da qual se podem construir conceitos estruturantes que orientem a produção de meta narrativa.

A poética no urbanismo emerge na leitura do património como uma dimensão da narrativa sobre o espaço. Ela permite captar de forma intuitiva os processos de transformação. A poética apresenta uma dimensão exegética (de exegese ou transcendência) que liberta significados contidos nas formas, através da verbalização e ritualização (os movimentos pendulares e as festas). Ao mesmo tempo apresenta uma dimensão inclusiva ou teórica, (a imanência, como uma busca do todo na essência das coisas) porque produz um discurso contextualizado num espaço e num tempo, onde tradicionalmente se procuram captar os fenómenos. Ora este discurso contextual recria sucessivamente a experiência social, constituindo as narrativas desenvolvimento delas mesmas.

A poética como ato comunicativo permite produzir significados plurais, através dos quais se podem constituir leituras inovadoras. A dimensão poética traduz-se por uma experiência do sensível. Uma viagem dos sentidos pelo espaço na busca de momentos processuais.

A poética como experiência no espaço é uma experiência de intersubjetividade onde os diversos sujeitos se deslocam no tempo e no espaço em torno de objetos socialmente significativo, de herança comum, para, em conjunto reconstruírem os elementos que lhes são comuns, criando novos sentidos e novos processos.

A questão da poética é também relevante para ultrapassar as questões da autenticidade (Declaração de Veneza, 1962). Perante a emergência da fenomenologia processualista dos objetos patrimoniais, a conclusão da evidência da sua condição metonímica seria inevitável. Fora das narrativas hegemónicas o objeto patrimonial nega-se a si mesmo. A poética permite a emergência da inovação em ambientes inclusivos das diversidades.

Dimensão de análise dos lugares de memória

Para a análise dos lugares de memória utilizamos uma metodologia de análise do conteúdo das dimensões narrativas dos espaços de memória. Trata-se duma metodologia que apresentamos na nossa tese (Leite, 2012) e que se pode resumir nos seguintes pontos. Cada espaço (lugar de memória) visitado é olhado a partir de um roteiro previamente preparado onde se avaliam as dimensões da narrativa, os eixos expositivos e os olhares sobre o discurso.

Na dimensão da narrativa é verificado se os objetos apresentados são reais, isto é se a exposição é constituída por objetos reais, por réplicas ou por elementos virtuais. Estas dimensões determinam a forma como o sujeito se apropria da narrativa.

Nos eixos da exposição são analisadas os processos de construção de narrativa, olhando para o espaço como um espaço fechado ou aberto, (se tem um percursos proposto ou se é de livre usufruto), são analisados os processos de produção imagética, ou os cenários de representação bem como os processos de comunicação, constituído pelo conjunto de informação acessória deliberadamente ou não produzida para o entendimento da proposta narrativa.

Finalmente a análise dos olhares sobre os discursos, procuramos olhar para a proposta identificando o seu conceito gerador, os modos como os seus conteúdos são modelizados para produção de um discurso, procurando as formas de ajustamento dos discursos aos espaços, os recursos cénico utilizados para realçar formas e narrativas.

A partir destas três linhas de análise produzimos uma análise crítica do espaço e da narrativa expográfica. Essa leitura envolve a dimensão da exposição, a análise do seu volume. Seja em termos de recursos usados, seja em termo de intensidade de produção de sensações e conhecimentos inovadores.

Análise dos Resultados

Cada espaço visitado é alvo de uma observação, sendo os seus resultados anotados em fichas de notação. O preenchimento dessa ficha pode e deve ser completado com informações relevantes sobre a organização do espaço, sobre o seu funcionamento e tutela, modos de contacto e materiais disponíveis para as ações museológica. Podem e devem igualmente ser feitas entrevistas aos funcionários em serviço e se possível aos diretores. Dada a necessidade de programar esse tipo de trabalho, em circunstâncias normais as visitas aos lugares de memória ocorrem em diferentes tempos, o que também ajuda a entender as diferentes dinâmicas do espaço.

Neste nosso trabalho, pelas circunstâncias do tempo disponível apenas efetuamos breves contactos de observação com os lugares de memória. Por esse motivo as fichas dos equipamentos referenciados ficaram nalguns casos incompletas, noutras (quando o espaço estava fechado) vazias. Não foram entrevistados os diretores de forma regular.

Por esse motivo consideramos irrelevante fazer uma análise unidade a unidade, preferindo fazer uma análise mais centrada na região. A busca de definição do espaço de maritimidade é um exercício sobre o qual construimos as análises das narrativas geoculturais. Ou seja, cada espaço não existe em si como um elemento, mas sim em relação ao território onde se enquadra, às comunidades que o habitam e o usam. O que procuramos averiguar é a adequação das narrativas aos espaços que procuram representar.

As comunidades marítimas, aquelas que usam o mar como espaço de atividades, necessitam de espaço intersticiais. O uso do mar em navegação exige uma plataforma. Desse modo a passem do meio para outro exige um porto de abrigo, um ponto de amarração que permita não só o transbordo em segurança, como também a amarração do navio fora dos períodos de uso. Um fator que condiciona o uso do mar são as marés. Por essa razão, para além das razões de defesa e abastecimentos de água, a escolha de locais de implantação das comunidades resulta dum conjunto de condições prévias. Naturalmente que com a modernização tecnológica as estruturas portuárias foram evoluindo, permitindo grandes obras de arte que podem assegurar os fundos e a segurança.

Contido o que nos interessa no nosso caso é considerar o espaço de implantação das comunidades costeira, como potencial de uso do mar por via de plataformas. Deste modo excluimos as urbanizações turísticas, exceto nos casos onde se verificam a existência de marinas ou cais. Ora essas condições naturais ocorrem muito frequentemente na foz dos rios, ou nas áreas imediatamente adjacentes. Em alguns casos,

com origens nas armações podem verificar-se aglomerados sobre o areal.

Os territórios do mar para além da ligação aos ciclos da natureza estão também muito associados às atividades de recolção. Como tal, olhando para as áreas urbanas procuramos identificar os territórios de caça, sejam eles de mar ou borda-d'água, os espaços de transporte, por via de ligações entre comunidades, os espaços residenciais, de recolhimento e de lazer, geralmente de uso público. Para além disso olhamos para os espaços intersticiais como espaços de atividade logística, seja de estaleiro, seja de arrumos, seja simplesmente de preparação das artes. Na maioria dos casos para além do acesso a fontes de água doce é também necessário um *hinterland* agrícola para providenciar o complemento proteico.

Grosso modo podemos então caracterizar os espaços marítimos a partir dos seus territórios de caça, no mar, e das suas ligações com o sistema agrícola envolvente. São esses os elementos de diferenciação, já no interior do espaço urbano, território ribeirinho e cais há semelhanças estruturais entre as comunidades ribeirinhas, embora se possam verificar conflitos de usos, seja em relação aos cais, sejam em relação ao espaço ribeirinho, muito cobiçado pelo turismo.

Em função da variação da tipologia da pesca e da especialização do *hinterland*, dada pela configuração geográfica criamos então as nossas unidades de análise.

Assim temos uma primeira unidade que incide sobre o rio Guadiana. São narrativas que se centram nas atividades do rio, no comércio de produtos agrícolas e mineiros, na pesca. É um mundo com ritmos lentos, com objetos ainda próximos dos seus tempos de uso ou ainda em uso, com discursos expositivos e processos de comunicação clássicos, embora em alguns sítios se verifiquem algumas abordagens mais modernas.

Passada a unidade territorial do Guadiana entramos no Espaço da Ria Formosa. Uma imensa área protegida que se prolonga até á

Ribeira de Quarteira. Aproveitando pequenos braços de rio existem pequenos e médios portos de pesca, como no Rio Gilão no Rio Eta, em Olhão, que como o nome indica teria sido uma fonte de água, na Foz da Ribeira de Quarteira. Os braços de ria também deram origem a alguns cais e pequenos portos, como em Cabanas, Santa Luzia, Faro. É uma zona de pesca de bivalves, moluscos e pesca de alto. Na memória do espaço estão as armações de atum que até à década de setenta faziam a riqueza da área.

A partir de Olhos de Água para Barlavento, até Lagos, as comunidades costeiras abrigam-se em pequenas enseadas, ou em Praias Abrigadas. Embora albufeira tenha perdido a sua função de porto de pesca, é uma zona de pesca costeira muito procurada para peixes de pequeno porte, sardinhas, carapaus, sargos, robalos, algum marisco. As áreas lagunares estão em franco assoreamento. Portimão na foz do Arade é o grande porto de pesca e antiga vila conserveira. Em termos de espaço de memória as características são idênticas, com Portimão a apresentar uma memória da sardinha com um discurso moderno, em contrapartida com uma presença da memória da pesca em Albufeira quase revivalista.

A costa vicentina para de Lagos, até a Odeceixe, com poucos abrigos naturais tem poucas comunidades marítimas. A sua memória em Aljezur é uma exceção. A chamada costa alentejana, embora lentamente o xisto se vai transformando em areal extenso. Ultrapassada a serra do Cercal as areias dominam a paisagem, com pequenas exceções. As comunidades são pouco densas e muito separadas entre si. A foz do Mira, o Porto Covo são pequenas unidades sem grande dimensão e muito dependentes do turismo balnear. Exceto Sines o grande porto atlântico, poucas relações trespassam para o exterior, e a pesca de costa é sobretudo à sardinha e carapau na época de verão

Para norte encontramos o Sado. O Sado drena uma parte da planície quaternária, sendo possível que fosse também espaço de

drenagem das Campilhas do Alto Sado, incrustadas entre a serra algarvia e do Cercal, sem ligações ao mar. É por isso um sistema bastante diferenciados, com pequenas comunidades de rio, em diálogo com as culturas dos arrozais e outrora do sal, mas que a partir de Setúbal e Sesimbra se assume como rio de forte identidade atlântica. Espaços industriais, de todo o tipo de pesca, desde a de fundo, até à de arrasto. Tem por isso espaços de memória diferenciados e voltados para diferentes objetos, embora com narrativas clássicas, sendo que nos espaços naturais emergem os discursos didáticos em torno da ciência natural.

O imenso estuário do Tejo é um mundo que se constitui como uma exponha dorsal do país. A sua margem sul em termos de características de hinterland é bastante semelhante ao Sado, caso podendo com ele formar um sistema, onde apenas a Arrábida se distingue. No entanto, a lezíria é uma das mais produtivas regiões agrícolas, encontrando quase todos os aglomerados ribeirinho ligados as atividades agrícolas, de pesca e transporte fluvial. Foi também nesta região que no século XIX se ensaiaram vários processos de modernização, seja da agricultura em Rio Frio, ou da Indústria, no Barreiro e Vila Franca. Os pontos de memória são múltiplos e diversificados. Alguns formam mesmo inovadores no tempo em que surgiram, como o Ecomuseu do Seixal”, no entanto na sua maioria dos casos os discursos são clássicos. Há naturalmente abordagens inovadoras onde o mar surge como referencia. O Oceanário é um importante ponto, o Pavilhão do Conhecimento promoveu uma exposição “o mar é fixe” com uma preocupação didática de chamar a atenção para a sua riqueza. Os discursos são no entanto muito centrados nos seus produtores e poucas ligações são feitas com as comunidades que vivem do mar. Continuando para oeste, Cascais é uma referência nos locais de memória pelo seu discurso revivalista e turístico. O seu museu do mar apresenta um discurso enxuto e erudito.

Voltando o cabo da Roca e passando a magnífica serra de Sintra a Ericeira é já um mundo de transição. A Estremadura até aos areais de Leira é costa acidentada e rochosa. Os portos de abrigo encaixam-se entre rochas aproveitando abrigos naturais. Peniche e os seus lugares de memória rivalizam com a garria Nazaré transformada em ícone das comunidades piscatórias cujas mulheres usam inexplicavelmente sete saias para alugar quartos a turistas de mochila. A pesca domina em articulação com a agricultura, agora em terras onde a areia se mistura já com argilas. Para além dos discursos mnemónicos tradicionais, os lugares de memória não deixa de ser espaços de revivalismo.

Entre a foz do Lis e a do Vouga, passando pelo Mondego, a paisagem assemelha-se. O predomínio das areias e das culturas florestais, a emergência de vastas áreas lagunares criam economias muito interdependentes, aqui e acolá polvilhadas por heranças de indústrias transformadoras. O Sal e o Bacalhau constituem o centro das narrativas de memória, com o moderno museu de Ílhavo a capitanear os rumos das memórias. Algumas novas experiências surgem e algumas memórias orais têm vindo a ser recolhidas. As festas são na maioria dos casos mantidas e ajustadas aos novos tempos e públicos. Uma região varina com um centro em Ovar, comunidade que vivem entre as gândaras e o mar. Com exceção do grande porto de Aveiro predomina uma ideia de isolamento. Os pontos de memória também parecem estar pouco articulados entre si. No entanto as boas condições portuárias tornam esta região um interface dinâmico, fazendo com que estas cidades cosmopolitas contratem com a secura das comunidades das areias do moliço. Isso também se reflete nos seus lugares de memórias.

Prosseguindo encontramos a foz do douro, que tal como o Tejo é um mundo. Uma memória bem marcada, cosmopolita acaba por irradiar para norte até Viana. O sistema vai-se repetindo. Nas embocaduras do rio comunidades dedicadas à pesca, à construção naval, ao comércio, profundamente articuladas com o interior agrícola. Cada foz é um

mundo. Cada espaço tem os seus lugares de memória. Embora todos eles à primeira vista parecem semelhantes, aqui e acolá emergem as diferenças identitárias, aqui os poveiros, acolá as vianas. Umas festas são mais vistosas do que outras, tudo de pende da riqueza disponível na articulação com o mar

Em síntese da análise das dimensões das exposições das narrativas do mar existentes nos lugares de memória podemos considerar que predominam os objetos reais e as réplicas, muitas vezes formatadas ou concebidas para se enquadrarem nos espaços expositivos. Há muito poso elementos virtuais, sendo no entanto o recurso à fotografia e ou videograma bastante frequente, sobretudo quando se reconstroem retratos das antigas companhias do bacalhau.

Em relação aos eixos expositivos as fundamentações das exposições prendem-se predominantemente com as atividades tradicionais da pesca e do transporte marítimo, aqui e acolá olhando para os processos de construção de embarcações tradicionais. Os processos de produção de imagens são eles próprios também tradicionais.

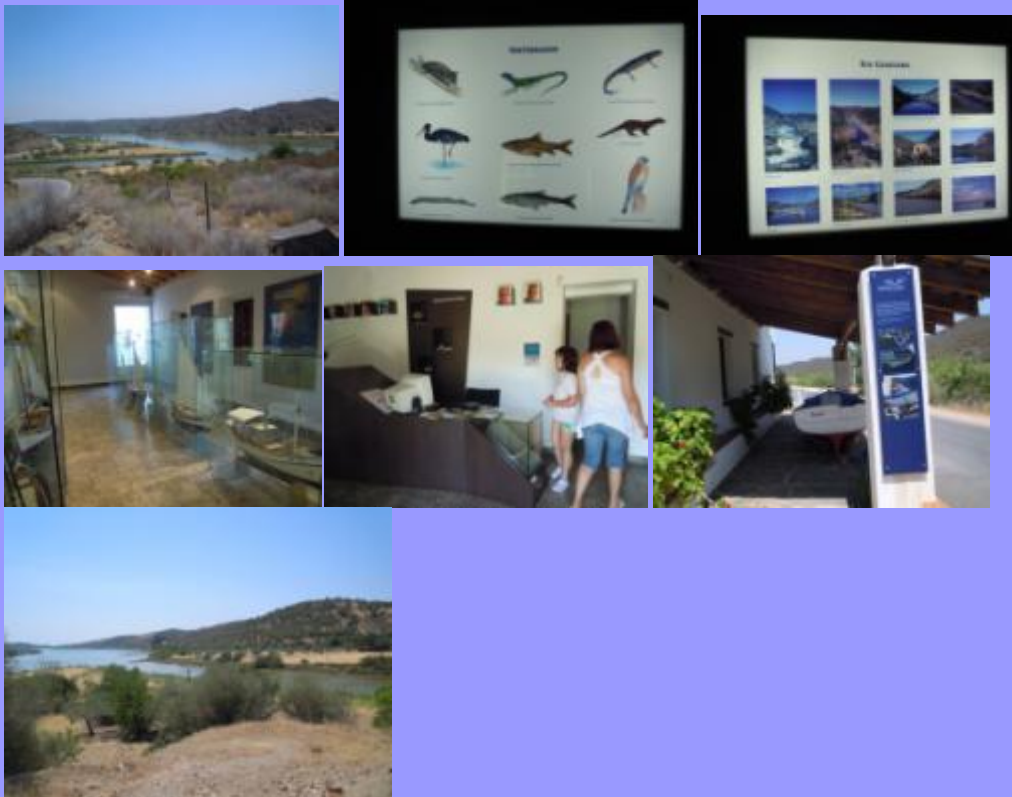
Os conceitos geradores na maioria dos casos estão muito ligados ao passado próximo, olhado como estando em perigo de desaparecimento. Há muito poucos conceitos que se prendem com os novos usos do mar. Numa maneira geral as modulações das exposições são tradicionais, promovendo a separação por unidades temáticas, raramente se verificando uma abordagem integral ou a busca de conhecimentos alternativos.

Se analisarmos os processos participativos das comunidades marítimas, verificamos que tem uma reduzida influencia na produção das narrativas. Eles são hipertexto, muita vezes o protagonista, mas raramente emerge o agente na sua dimensão atual ou a comunidade nos seus problemas atuais. Na nossa análise não foi possível captar com rigor os processos participativos, uma vez que isso exigia desenvolver entrevistas locais.

A partir desse fato, da relativa invisibilidade das comunidades marítimas na construção dos futuros é possível mobilizar para a construção de outras narrativas que recoloquem os lugares de memória no centro dos problemas da modernidade.

Unidades de Análise em diário fotográfico

Rio Guadiana.



Ria Formosa.

Casa João Lúcio – ria Formosa



Parque Natural da Ria Formosa

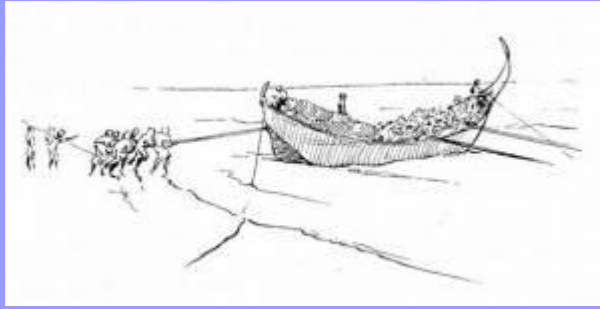


Olhão



Museu do Mar em Faro





Arade

Costa vicentina



Rio Mira

Terras do Sado

Arrábida



Lezírias do Tejo

Roca

Museu do Mar em Cascais



Liz

Mondego

Figueira da Foz



Buarcos

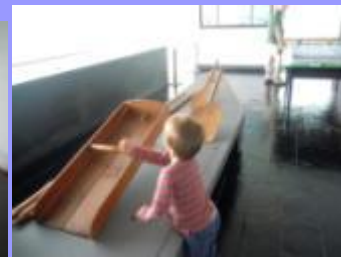


Vouga

Vagueira



Ilhavo





Aveiro





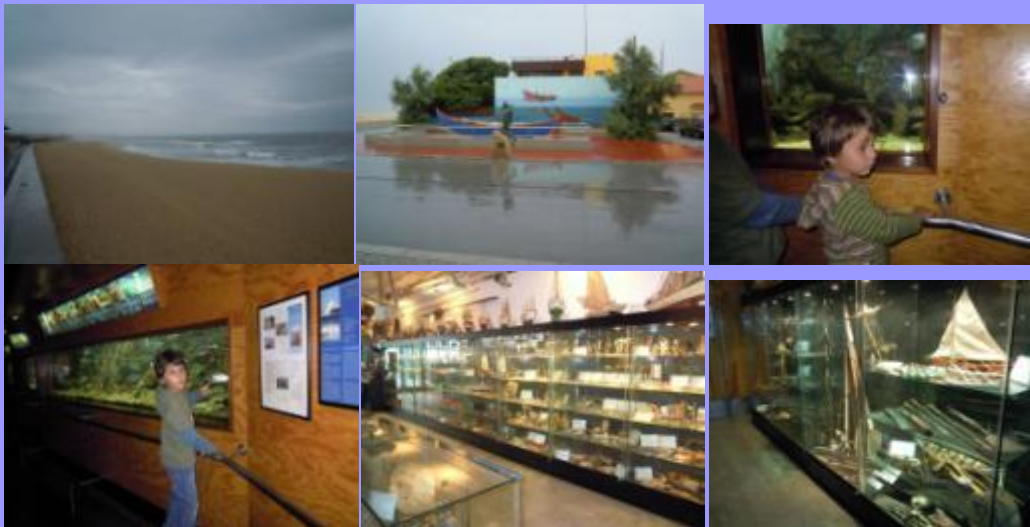
Ovar

Espinho



Douro

Estação da Aguda



Ave e Minho

Leça da Palmeira



Vila do Conde





Angeiras





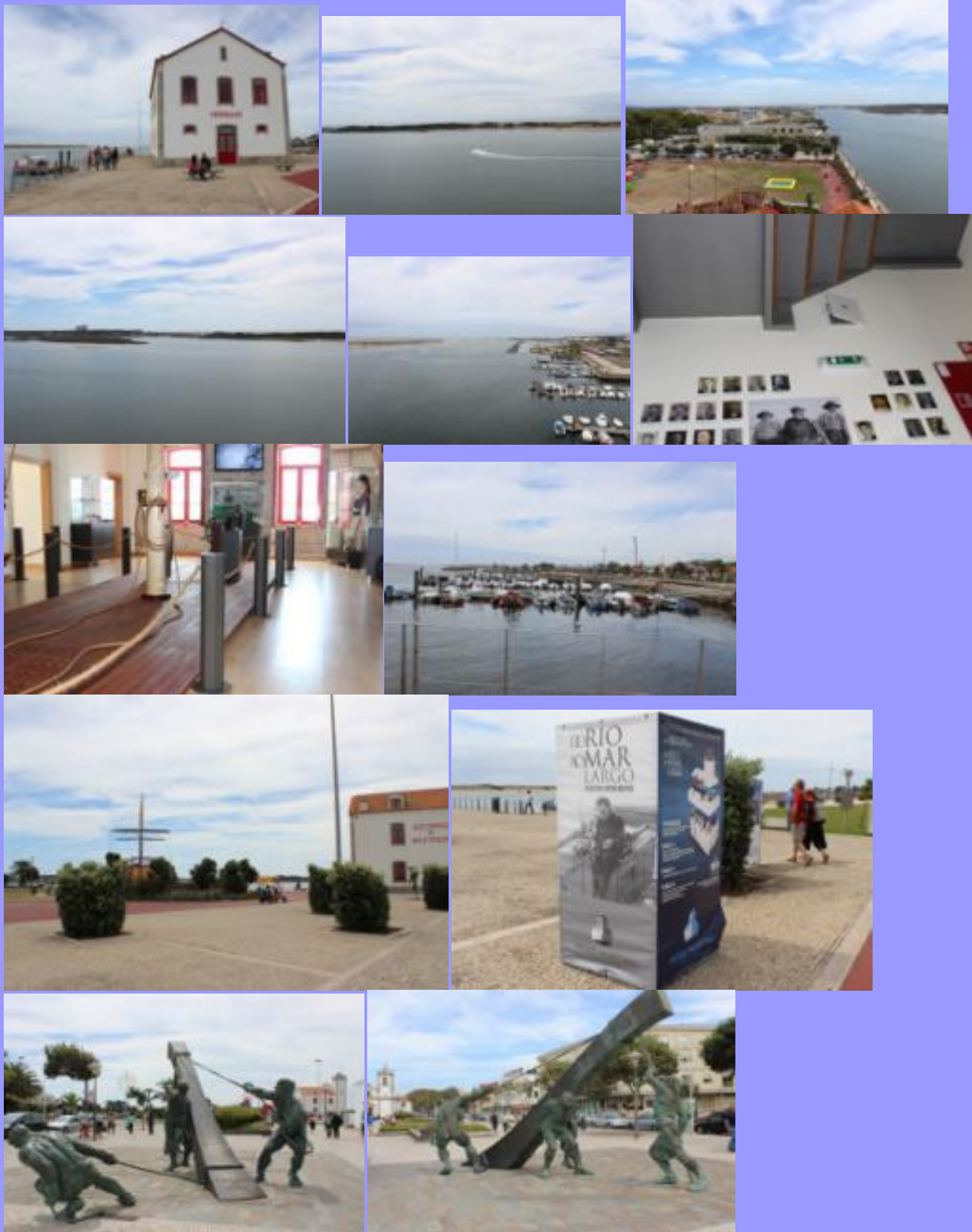
Praia do Mindelo



Póvoa do Varzim



Esposende



Viana do Castelo



Caminha



